

Vocação divina para o ministério pastoral

Bedamloa P. Cubala



Introdução

Considera-se fundamental proporcionar momentos de reflexão sobre a sagrada vocação. E é necessário enfatizar que chamar homens e mulheres para o ministério é uma prerrogativa e iniciativa exclusivamente divina. Pois ninguém jamais tem a permissão de escolher os obreiros do Reino. Hagin (p. 8-9)¹ aconselha “Não vá só porque alguém chamou você. Há um chamado divino para o ministério. Você deve determinar se ele está ou não em sua vida. Não tente ingressar no ministério sem o chamamento de Deus para assim o fazer”.

Um sábio conselho: nunca assuma o ministério sem vocação, não se precipite para a obra visto que viria a ser reprovado, quando o Senhor diz “... não os enviei...” (Jr 23.32). O ministério da Palavra pode ser comparado com as duas partes de uma mesma moeda, é um *privilégio* servir ao Senhor da seara, como também é uma *responsabilidade*. Todos os ministros cristãos prestarão contas de tudo que Deus os confiou como mordomos fiéis (1Co 4.1,2).

¹O livro em PDF sem o “ano da publicação da obra”.

O ministério tornou-se um prestígio e *status* entre alguns “movimentos evangélicos”, sendo assim, percebe-se que muitas igrejas e mega-igrejas estão sendo abertas a um número cada vez maior de pessoas que se autoproclamaram pastores (as), missionários (as) etc. Porém, reafirmamos que é indispensável ter chamamento de Deus para o ministério, ainda cremos que Deus continua vocacionando homens e mulheres para sua seara (Mt 9.38). Algumas questões serão refletidas ao longo deste trabalho, a saber: Por que ainda é necessária a vocação ministerial? Como saber quem é vocacionado? Qual o papel da igreja e do seminário no reconhecimento do vocacionado? Servir a Deus é ou não é uma profissão?

Vale ressaltar que a natureza do presente trabalho não dispõe sobre o chamado universal de todos os santos; como o “sacerdócio universal dos crentes” (cf. 1Co 12.8-10,28-30; Rm 12.6-8; 1Pd 2), ou outro tipo do chamado.

1. O ministério pastoral: profissão ou vocação?

O santo ministério pastoral tornou-se um tema de debate na atualidade. Percebe-se que para alguns é uma profissão, enquanto que outros acreditam que é uma vocação de Deus aos Seus filhos.

Em seu livro “Ética ministerial: Um guia para a formação moral de líderes cristãos”, James E. Carter fez a seguinte pergunta: “A vocação ministerial: carreira ou profissão?”. Os principais defensores da função pastoral como sendo uma profissão, foram James Glasse e Glaylod Noyce, eles defendem que o “pastor pertence à classe profissional” delineando as características pelas quais classificam pastor como tal. Ainda admitem que a “maioria das igrejas protestantes consideram seus pastores como profissionais” (CARTER, 2010. p. 44-48).

Por outro lado, Peter Jarvis, Sören Kierkegaard, Jacques Ellul, Stanley Haerwas e William Willimon defendem que ser pastor não é uma profissão. Kierkegaard (*apud* CARTER, 2010, p. 43) afirma que: “a vocação religiosa tem um ingrediente ‘não profissional’. A *vocatio* (vocação) do pastor não é deste mundo”. Também Ellul fez contraste entre a vocação e a profissão, quando considera haver “uma separação absoluta entre aquilo que a sociedade exige incessantemente de nós e a vontade de Deus. Não há como inserir o serviço a Deus em uma profissão” (ELLUL *apud* CARTER, 2010, p. 43). O ministério é uma vocação divina (At 1.23-26; 13.1-4).

Lemos nas Escrituras sobre o chamado de Jeremias (Jr 1.4-10). Jeremias foi um exemplo do vocacionado comprometido e fiel ao seu Senhor, tinha senso

forte da sua missão e não abria mão dela, obedeceu ao Senhor e enfrentou falsos profetas, reis, governantes; confrontou seus pecados ou o pecado da nação; foi corajoso ao anunciar a destruição da cidade de Judá e a restauração da mesma (cf. Jr 2; 4; 10; 13; 25 e 29).

Apesar de muito sofrimento e perseguição (Jr 16 e 26), Jeremias continuou fiel a Deus e ao seu chamado, cumprindo com integridade a missão a ele incumbida.

Perguntamos que tipo de profissional Jeremias seria? Em nome da profissão sofreria tudo aquilo ou continuaria fiel ao Senhor? Só o vocacionado tem essa perseverança. Sem sombra de dúvida, o ministério de Jeremias sobreviveu porque foi Deus quem lhe chamou.

Outro exemplo que merece nossa atenção é o do apóstolo Paulo (At 9.15,16); sofreu (2Co 11.23-33) sem reclamar; continuou disposto a seguir em frente para cumprir a missão (At 20.22-24) e demonstrou fidelidade ao chamado.

Olhando para os exemplos supracitados, o vocacionado deve ser fiel ao cumprimento da missão incumbida a ele e ter um fortíssimo compromisso com Deus que o chamou para o ministério. Visto que o mundo pressiona os pastores com seus conceitos relativistas, até para adaptarem a pregação da Palavra com o propósito de satisfazer a vontade de alguma pessoa ou um grupo, o que Deus espera de você é a fidelidade. Ser mordomo fiel na pregação da Palavra. Falar do amor de Deus, assim como da sua justiça. O ministério pastoral não é profissão.

Piper afirma:

Nós, pastores, estamos sendo massacrados pela profissionalização do ministério pastoral. A mentalidade do profissional não é a mentalidade do profeta. Não é a mentalidade do escravo de Cristo. O profissionalismo não tem nada que ver com a essência e o cerne do ministério cristão. Quanto mais profissionais desejamos ser, mais morte espiritual deixaremos em nosso rastro. Pois não existe a versão profissional do “tornar-se como criança” (Mt 18.3); não existe compaixão profissional (Ef 4.32); não existem anseios profissionais por Deus (Sl 42.1), (PIPER, 2009, p. 15).²

²Discutiu esse assunto em seu livro intitulado: *“Irmãos, nós não somos profissionais: Um apelo aos pastores para ter um ministério radical”*.

Piper destaca o cerne do ministério pastoral, isto é, ser “servo de Cristo”, “tornar-se como criança” e podemos acrescentar, “tomar a cruz e seguir a Cristo” (Mt 16.24; Lc 9.23). Como vocacionados de Deus para servir na grande seara, os pastores, educadores cristãos e missionários são separados para serem servos como o próprio Senhor Jesus, “Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos” (Mc 10.45).

2. Como reconhecer um chamado de Deus?

Cremos que a vocação é interna e externa. Algumas definições ajudarão na compreensão desses dois aspectos da vocação divina para o ministério. Segundo Lutzer (2000, p. 14): “o chamado de Deus é uma convicção interior, dada pelo Espírito Santo e confirmada pela Palavra de Deus e pelo corpo de Cristo”.

Para Ferreira,³

O chamado é uma obra interna de Deus, que chama os servos da Palavra. Embora seja interno, o chamado para o ministério inevitavelmente virá acompanhado por um testemunho externo. Ou seja, aqueles chamados para a pregação da Palavra demonstrarão dons e aptidões para o exercício do ministério. Eles são equipados pelo Espírito para pastorear, evangelizar, pregar e ensinar - e frutos visíveis serão evidenciados por conta desse chamado interno.

De acordo com Ferreira, a vocação interior deve ser acompanhada com a confirmação exterior, ou seja, evidências dos dons espirituais para pastorear, ensinar, etc. A convicção do chamado interno e confirmação externa (pela igreja, pelos dons demonstrados) é um aspecto indispensável na vida do pastor.

2.1. Vocação interna

Vocação interna é a grande convicção que emana no próprio coração da pessoa. David Fisher, após muitos anos de ministério em quase cinco congregações diferentes, diz: “vocação interior, a convicção inescapável de que fui separado por Deus para pastorear o seu povo, permanece” (FISHER, 1999, p. 84). É essa

³Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/desafios-do-ministerio-pastoral/>. Acesso em: 16/12/2015.

convicção que faz o ministro cristão permanecer firme mesmo em meio às lutas e crises ministeriais. Não existe nenhum ministério bem-sucedido da Palavra sem essa firmeza no chamado divino.

Nos momentos das aflições, crises, lutas, o que segura o pastor a persistir é a certeza de que foi chamado por Deus para aquela obra. O Apóstolo Paulo tinha plena certeza de que foi Deus quem o chamou e defendeu veementemente a sua vocação como sendo divina e não humana. Paulo foi um instrumento escolhido por Deus (At 9.15,16); ele foi constituído servo de Cristo e testemunha do evangelho do reino aos gentios (At 26.16, 17; 20.24; 2Tm 2.20,21; 1Co 11.1; Gl 2.20). Além de tudo, a vocação vem exclusivamente da iniciativa divina, ou seja, o próprio Deus é quem chama (At 1.23-26; 13.1-4; Gl 1.1); Para MacArthur (1998, p. 85):

O ministério pastoral é um chamado divino e inigualável, concedido a homens eleitos por Deus para serem ministros de Sua Palavra e servos de Sua igreja. Os homens chamados para este trabalho sentem-se indignos (1Tm 1.12-17) e desqualificados (2Co 3.4-6) para tarefa tão preciosa. Mas, aos separados para o ministério, aplica-se o clamor do apóstolo Paulo “Temos, porém, esse tesouro em vasos de barro, para que o poder extraordinário seja de Deus e não nosso” (2Co 4.7).

Na observação de MacArthur, percebe-se a seriedade e a responsabilidade dada por Deus ao ministério da Palavra. Ou seja, o resultado final é a Glória de Deus (Rm 11.36). Ainda Spurgeon (p. 9)⁴ diz que “é-lhe imperativo que não entre no ministério enquanto não fizer profunda sondagem e prova de si próprio quanto a este ponto. Ser pastor sem vocação é como ser membro professo e batizado sem conversão”.

A vocação divina sempre vem acompanhada por um árduo desejo de fazer a obra, tal desejo deve permanecer na vida do obreiro (Jr 20.9; Am 3.8; At 4.20; 5.29; 1Co 9.16; cf. At 9.1-16; 26.16-18). Com base nessas passagens pode-se afirmar que haverá algo dentro do obreiro que o impelirá para a obra. Portanto, mesmo que a pessoa tenha uma convicção clara do seu chamado interior, é imprescindível receber confirmação externa.

⁴O livro “chamado para o ministério” em PDF sem o “ano da publicação da obra”.

2.2. Vocação externa

Esse segundo aspecto da vocação é tão importante quanto o primeiro, pois além da convicção interna do vocacionado, a comunidade ou a igreja, seus líderes devem testemunhar da vida e dons espirituais e ministeriais (pregar, evangelizar, pastorear, etc.) demonstrado pelo vocacionado.

Conforme Calvino (1985, p. 75): “Cipriano sentenciou bem, quando afirmou prover de divina autoridade que o sacerdote seja escolhido, presente o povo, sob os olhos de todos e seja comprovado digno e idôneo pelo testemunho e critério público”. Como exemplo disso temos os casos dos sacerdotes levitas (Lv 8.4-6; Nm 20.26, 27), a escolha de Matias (At 1.15; 21-26) e dos sete diáconos (At 6.2-7).

Ainda ele assegura que essa prática bíblica de aprovação pública “é o legítimo chamado de um ministro” (CALVINO, 1985, p. 76); mesmo assim, os ministros da Palavra não recebem a sua autoridade de homem, mas de Deus. Conforme Berkhof (1990, p. 603), a escolha do povo: “é apenas uma confirmação externa da vocação interna feita pelo Senhor”, também a autoridade do pastor não vem da igreja, mas sim do próprio Deus e o ministro é responsável perante o Senhor (Mt 16.19; At 20.28; 1Co 12.28; Ef 4.11, 12; Hb 13.17).

Segundo Lutzer (2000, p. 15), a igreja como o agente confirmador deve levantar algumas questões em relação ao candidato, tais como: “É maduro? Tem dons necessários (ministeriais)? É firme na Palavra e na doutrina? Ou se desqualificou com transigências morais ou desvios doutrinários? Caráter não é o único elemento necessário, mas é ingrediente fundamental e indispensável”. Gordon Blaikie reconheceu que o chamado divino é indispensável e ofereceu seis critérios para avaliá-lo: “certeza da salvação, desejo de servir, de viver uma vida que contribua para o serviço, capacidade intelectual, aptidão física e elementos sociais” (BLAIKIE *apud* MACATHUR, 1998, p.127).

Por outro lado, Wesley avaliava os candidatos ao ministério em forma de interrogatório, fazia várias perguntas aos candidatos e estes deviam evidenciar certeza da salvação, convicção do chamado e fruto do trabalho (exercício dos dons ministeriais):

- 1) Será que você conhece a Deus como um Deus perdoador? Será que você tem amor de Deus habitando em si mesmo? Será que você deseja ver Deus e nada mais em sua vida? Será que você é santo em toda a sua conversação? 2) Será que

you possess the gifts for work and understands clearly what is the ministerial; will you know to judge (discern) the things of God? Will you have a clear conception of salvation by faith and clearly can discern how to teach this to men? 3) Will you have fruits (converts)? Has there really been someone who was convinced of sin and converted to God through your preaching? (WESLEY *apud* DUARTE, 2011, p. 107).

The reflection of these basic questions about the ministry gives the candidate an opportunity to re-evaluate his decision and to position himself better so as not to be led by a momentary impulse and then regret it later. Although the evaluator, who can be either the seminary or the pastor of the local church, may admit that there are some exceptions in which the vocationee does not meet all these requirements, he knows that God has called him, and this becomes evident with time when the person is used wonderfully and is a faithful minister of the Word. However, the character must be the center of any evaluation.

It is still crucial to reflect on the following phrase: "If God did not call him for the ministry of the Word, do not try to do it; you would feel like a fish out of water. Knowing that you are divinely called closes definitively the question. There will be no confusion about the matter" (HAGIN, p. 11).⁵ Nevertheless, the only reason why a layman should remain in the ministry is the divine call and this must be emphasized constantly in the biblical institutes, seminaries, theological faculties. Among others, for it to be clear for all the laymen of Christ. Duarte affirms that Luther was the first reformer to defend the specific concept of vocation in the following words:

Vocation must not be assumed lightly, for it is not enough that a person has knowledge. He must be sure that he has been properly called. Those who exercise the ministry without the proper vocation aim at good purposes, but God does not bless their labors. They may be good preachers, but they do not build (LUTERO *Apud* DUARTE, 2011, p. 101).

For the reformer Luther there is no possibility of a person following for the ministry of the Word without the internal and external recognition

⁵O livro em PDF sem o "ano da publicação da obra".

sua vocação. Então, fica determinado que a prerrogativa primordial para uma pessoa entrar no ministério pastoral é a vocação divina confirmada e os dons espirituais e ministeriais evidenciados. A mesma seriedade também foi demonstrada por Calvino quando escreveu:

Para que não se introduzissem temerariamente homens inquietos e turbulentos a ensinar ou a governar, o que de outra sorte haveria de acontecer, tomou-se precaução expressamente a que alguém não assuma para si ofício público na igreja sem a devida vocação. Portanto, para que alguém seja considerado verdadeiro ministro da igreja, primeiro importa que tenha sido devidamente chamado (Hb 5.4); então, que responda ao chamado, isto é, empreenda e desempenhe as funções a si conferidas (CALVINO, 1985, p. 72).

Também Calvino admite que existam duas partes da vocação: a externa e o chamado secreto (interno). Oden também viu a necessidade da correspondência entre o chamado interno e externo, pois não existe ninguém que possa cumprir tão difícil papel de pastor corretamente se não for vocacionado e comissionado por Deus e pela igreja; também deve existir relação nítida entre o chamado interno e externo e ser estabelecido desde o princípio com muita clareza para a igreja como para o candidato (ODEN *apud* MACATHUR, 1998).

Na verdade, a relação entre esses dois aspectos (interno e externo) do chamado é fundamental; acima de tudo, é o que sustenta o obreiro; o que o motiva a continuar firme no ministério. Ele deve estar seguro que o obreiro está obedecendo ao chamado e a vontade divina para sua vida.

A certeza de que ele é um homem limitado, mas comissionado por um Deus ilimitado para realizar obra ilimitada que somente o poder de Deus pode manter. Criswell (*apud* MACATHUR, 1998) reconhece essa confiança quando ressalta que, se o obreiro tem convicção firme da sua vocação para o ministério da Palavra e se essa persuasão for inabalável, os outros fatores da vida estarão em ordem.

Conclusão

Primeiro, o ministério pastoral não é uma profissão, mas sim uma vocação Divina. A origem da vocação vem de Deus. Cabe aos homens obedecer e atender ao chamado e serem, portanto, servos e mordomos fiéis do Senhor.

Em segundo e último lugar, todo cristão que almeja o pastorado (ser pastor, educador cristão ou missionário) precisa avaliar a si mesmo a fim de certificar se

realmente Deus o chamou para ministério da Palavra para não incorrer no gravíssimo erro de assumir o púlpito, sem o chamamento divino.

Portanto, oramos a Deus o dono da grande seara que chame mais homens e mulheres fiéis e comissione-os para o exercício do ministério da Palavra (Mt 9.37, 38).

Bibliografia

BÍBLIA. *Software the Word*.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada Almeida do século 21*, em cd-rom. São Paulo: Vida Nova, 2017.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo Nova Versão Internacional (NVI)*. São Paulo: Editora vida, 2003.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego*. RJ: CPAD, 2012.

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Traduzido por Odayr Olivetti. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990.

CARTER, James E. *Ética ministerial: um guia para formação moral de líderes cristãos*. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2010.

CALVINO, João. *As institutas da religião cristã*. 4 volumes. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.

DUARTE, Jedeias de Almeida. *A Vocação Para o Serviço ou o Serviço dos vocacionados?* Fides Reformata XVI, Nº2 (2011). <www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora_CPAJ_Fides_Reformatata_16_16artigo4>.

FERREIRA, Franklin. *O chamado para o ministério da Palavra*. Disponível em: <<http://www.teologiabrasileira.com.br/teologiadet.asp?codigo=238>>. Acesso em: 16/12/2015.

FISHER, David. *O Pastor do século 21: Uma reflexão bíblica sobre os desafios do ministério pastoral no próximo milênio*. Trad. Yolanda Mirsda Kríevin. São Paulo: Editora Vida, 1999.

HAGIN, Kenneth E. *Os Dons do Ministério*. Tradução Rogério Lima Clavello; Maria de Lourdes Magalhães d'Almeida. Rio de Janeiro: Graça Editorial.

LUTZER, Erwin. *De pastor para pastor: respostas concretas para os problemas e desafios do ministério*. Tradução de José Ribeiro. São Paulo: Editora Vida, 2000.

MACARTUR, Jr. John (et. al.). *Teologia Pastoral. Redescobrimdo o Ministério Pastoral*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998.

PIPER, John. *Irmãos, nós não somos profissionais: Um apelo aos pastores para ter um ministério radical*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009.

SPURGEON, Charles Haddon. *O chamado para o ministério*. Digitalização: Levita Digital. Lançamento Digital: <www.ebooksgospel.com.br>.



Bedamloa P. Cubala

Sobre o autor

É natural de Bissau, Guiné-Bissau/África Ocidental. Mestre em Teologia Bíblica com especialização em Aconselhamento Cristão e graduado em Teologia pelo Seminário Teológico Cristão Evangélico do Brasil (SETECEB) e pela Faculdade Teológica Sul Americana (Londrina-PR). Pós-graduado em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Católica de Anápolis. Técnico em Enfermagem pela Escola de Enfermagem “Florence Nightingale”, Anápolis. Fundador e Coordenador do Projeto Esperança (PROES, desde 2010). Atualmente é Ministro da Igreja Evangélica da Guiné-Bissau e professor residente do Instituto Bíblico da Igreja Evangélica da Guiné-Bissau em Ntchumbé, Região de Bafatá.